

Saudade (Nostalgia). Vídeo de Bela Feldman Bianco, 1991, 57 minutos.

Roberto Da Matta
Kellogg Institute – University of Notre Dame

Com este documentário, Bela Bianco mostra – e mostra magistralmente – vários processos que de certo modo concorrem para que a imigração se transforme numa magnífica aventura. Primeiro, porque contrasta o estrangeiro indefeso e só diante de uma outra cultura, uma outra língua e uma outra sociedade. Depois, porque descreve como a mudança de um sistema para outro implica uma multiplicidade de processos simultâneos, todos indicadores de ajustamentos recíprocos. Assim, é parte fundamental deste importante vídeo um estilo narrativo cheio de compreensão pelos imigrantes lusos que vieram dos Açores e de Portugal para a norte-americana New Bedford, importante cidade industrial do estado de Massachusetts, nos Estados Unidos.

Como esses homens e mulheres de certo modo se transformaram em "americanos" por meio de um sucessivo jogo simbólico-real entre aquilo que eram e aquilo que a nova sociedade queria que fossem. Se todos mudaram na proporção de sua inserção dentro de um sistema impessoal que os obrigava a fazer certas coisas – a falar uma língua desconhecida, a trabalhar dentro de uma estrutura marcada pela informalidade, a estarem radicalmente separados da terra e do estilo de ganho artesanal, realizado em casa –, todos, por sua vez, marcaram recíproca e dialeticamente essa New Bedford onde viveram. Deste modo, se eles todos se "americanizaram", a New Bedford da Nova Inglaterra, reduto máximo dos valores puritanos que formam o coração dos Estados Unidos, foi também marcada pelos imigrantes que a fizeram um pouco como Portugal. Assim, todos esses milhares de imigrantes foram modificados e foram agentes de mudança. Mas não deixaram de ser sobretudo portugueses no modo pelo qual leram e interpretaram suas experiências em terras da Nova Inglaterra. São assim tocantes as imagens da moderna New Bedford a exibir, nas suas ruas, espaços e tempos norte-americanos, as cicatrizes dos imigrantes portugueses que acolheu. Do mesmo modo, são igualmente tocantes as visões destes rostos lusos repletos de honra, dignidade e orgulho, a exibir as marcas de sua passagem da *terra natal* para o mundo do capitalismo individualista, igualitário e moderno dos Estados Unidos.

Em *Saudade*, Bela Bianco orchestra todos esses elementos para mostrar como esse processo (ou *processos*) se cristaliza na vida de sete imigrantes. Usando os recursos de uma linguagem capaz de dar aos personagens um toque que os faz maior que a vida, *Saudade* mostra como Joe Vieira, Francelina Cordeiro, Manuel Pinho, Basilio Souza, Maria do Carmo Pereira, Manuel Fernandes e Maria José Carvalho foram moldados e moldaram essa grande viagem que os levou à América. Todos dando e recebendo alguma coisa para sua nova terra.

Vindos para New Bedford para o trabalho nas suas fábricas de tecidos, todos passaram pelos altos e baixos dos inevitáveis ciclos econômicos, das greves, das recessões e das

duras políticas migratórias. Todos falam com orgulho e *saudade* de como foram capazes de sobreviver às barreiras da escolaridade e do preconceito. Como encontraram alento dentro de suas próprias vidas e cultura para enfrentar o mundo desconhecido. E como a *casa*, a *família* e os *amigos* – esses elementos fundamentais da chamada "dimensão étnica" – foram instituições fundamentais para que esse processo se desse dentro dos limites da transformação cultural digna e honrosa.

No final do trajeto, o vídeo captura com rara nitidez como todos eles enfrentaram e de certo modo venceram a poderosa América. De fato, depois de um confronto frontalmente desigual de mais de um século, esses imigrantes não se transformaram em indivíduos autônomos e auto-referidos, compartimentalizados por um estilo de vida que conduz ao consumo conspícuo e individualizado, denegrindo um estilo relacional e comunitário de vida. Muito pelo contrário, em vez de virarem modernos americanos, pulverizados na pós-modernidade de uma tão apregoada "cultura de massas" que tudo fragmenta, redefine, reinventa e idealisticamente imagina, esses portugueses contrariam tudo, pois jamais perdem de vista os valores do seu Portugal nativo. O que o filme e Bela Bianco mostram de modo exemplar, portanto, é o poder de resistência dos valores tradicionais que permitem que todos esses homens e mulheres inventem, na América, o seu Portugal. Um Portugal ainda melhor e mais rico do que o Portugal empírico (se é que tal coisa existe realmente). Um Portugal perfeito e perpétuo porque construído na medida do seu novo meio e de suas novas identidades. Um Portugal americano, feito de lazer, de conforto, de saudável ideologia calvinista que glorifica o trabalho árduo e dá prêmios aos trabalhadores. Um Portugal, enfim, marcado pela celebração periódica e benfazeja de sua identidade coletiva no que ela tem de melhor porque em terras estranhas o imigrante sofre, mas seleciona e escolhe o que quer revelar de sua comunidade natal.

Do mesmo modo, o vídeo indica como a sociedade americana, marcada pela impessoalidade de um capitalismo que quer do trabalhador apenas sua força de trabalho, deixa-o em paz quando ele ou ela não se encontram no âmbito da fábrica. Assim, dentro da fábrica são apêndices de máquinas, realizando aquelas tarefas automáticas que são marca de um tempo disciplinar no melhor estilo do historiador social inglês E. P. Thompson. Mas fora dali recriam no espaço íntimo da *casa* o Portugal idealizado do seu passado – de suas infâncias e juventudes. Na *casa*, então, transformam-se novamente em pequenos agricultores, em artistas e em artesãos que trabalham num ritmo próprio. Ritmo marcado por uma concepção de trabalho socialmente embebido. Trabalho que é definido pelas suas próprias tarefas e não mais por exigências impessoais de uma produção num tempo que se transforma em mercadoria e deve ser medido, economizado, comprado e vendido. Curioso, pois, que pelo menos dois desses sete portugueses recriem em New Bedford a terra de trabalho dos seus ancestrais. *Terra* que produz vinho e pão. Terra que é pecúnia básico, que é natureza e vida. E que é também a melhor imagem de sua sociedade.

Como uma verdadeira saga da imigração portuguesa nos Estados Unidos, esse filme é um importante documento de como os portugueses em New Bedford conseguiram ajustar-se a uma cultura diversa e como eles realizaram esse ajustamento utilizando conceitos e noções que faziam parte do seu próprio mundo cultural. É assim que a *saudade*, como con-

ceito sócio-cultural, acaba sendo a categoria que permite a integração do tempo e do espaço, da biografia e da história social, dos processos impessoais vividos em espaços institucionalizados, e as duras transformações pessoais, marcadas pela presença da morte e dos limites físicos de cada indivíduo como pessoa humana insubstituível e sempre ligada a uma família e a uma *casa*.

Nesta *Saudade* de Bela Bianco, portanto, temos um precioso exemplo do lado humano do processo migratório. Lado humano que no caso luso é marcado tanto por processos sócio-culturais e econômicos bem conhecidos, bastante estudados e universais, quanto pelos valores cristalizados em instituições como a família, o amor filial e a saudade. Saudade que é o código através do qual se podem articular todos esses processos simultâneos que a onda migratória sempre deflagra. Neste sentido, trata-se de um trabalho pioneiro, marcado pelo impecável uso de categorias antropológicas e por um olhar historizante positivo, a serviço de uma história social verdadeiramente humana.

Poucas vezes assisti a um documentário tão marcadamente humano e empático. E poucas vezes vi na tela de minha televisão depoimentos tão sinceros quanto familiares. Pois não é articulando a vida com a saudade que nos damos conta de que, afinal de contas, somos todos passageiros, todos imigrantes?

Gregori, Maria Filomena. *Cenas e queixas. Um estudo sobre mulheres, relações violentas e a prática feminista*. São Paulo, Paz e Terra/ANPOCS, 1992, 218 páginas.

Paula Montero
Profª de Livre-Docência do Depto. de Antropologia/USP

Este livro é na verdade a história de um fracasso. Numa sucessão de imagens e relatos vivos sobre o dia-a-dia de trabalho de uma entidade feminista, o grupo SOS-Mulher de São Paulo, a autora procura mostrar por que essa entidade foi incapaz de alcançar os objetivos que ela mesmo se dera: ajudar as mulheres que sofreram violência doméstica a superar sua condição.

O retrato das atividades SOS que resulta deste excelente trabalho etnográfico nada tem de complacente. Gregori avalia, com rigoroso distanciamento, o modo de organização do grupo, o atendimento dado às mulheres, suas práticas, atitudes e valores. A imagem resultante desse detalhado escrutínio é avassaladora. Da análise de Gregori depreende-se que esse pequeno grupo de feministas, apesar de ter assumido uma responsabilidade pública – atraiu e mobilizou pessoas em nome de objetivos bem concretos –, não sabia exatamente o